

JOÃO RICARDO SILVA MESQUITA DE MENDONÇA
Escola Secundária de Belém - Algés

DO CASO PARTITIVO, DO EFEITO DE
INDEFINITUDE E DO VALOR ASPECTUAL
INACABADO EM FINLANDÊS

0. ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

O Finlandês (suomi), língua não indo-europeia, revela uma gama de aspectos "exóticos" que enriquecem qualquer perspectiva mais alargada que se pretenda obter sobre línguas naturais. É uma língua aparentada com (entre outras) o Estoniano e o Húngaro, integrando o grupo das línguas ugro-finesas, de origem uralo-altaica.

Do ponto de vista fonético-fonológico, caracteriza-se essencialmente por ser uma língua de acento fixo, com quantidade vocálica, consonântica e silábica fonologicamente pertinentes e apresentar dois fenómenos de consequências estruturais relevantes: harmonia vocálica e abrandamento consonântico.

Em termos morfológicos, revela um sistema casual excepcionalmente rico (ao todo, dezasseis casos,

se incluirmos o Prolativo, que alguns gramáticos e linguistas já não consideram), ausência de género gramatical e de artigos definidos e indefinidos, existência de um verbo de negação (donde a ausência dos advérbios "sim" e "não", apesar de "joo", empréstimo do Sueco "jo"), de um único paradigma de conjugação verbal, de fácil mobilidade dos radicais por processos derivacionais (sobretudo, por sufixação) e de vários infinitivos flexionados.

Quanto a aspectos sintácticos, é uma língua SVO e apresenta o parâmetro de sujeito nulo; no entanto, e dada a sua riqueza casual, a mobilidade dos constituintes de frase é praticamente total, com forte influência nos processos de significação, como adiante se verificará.

O nosso principal objectivo é o de fornecer alguns elementos para o esclarecimento da relação existente entre, por um lado, o caso Partitivo e a oposição total/parcial e, por outro, entre o mesmo caso e o valor aspectual inacabado. Na selecção do corpus exemplificativo, impôs-se-nos a utilização do tempo morfológico Presente do Indicativo, pelo facto de os tempos pretéritos envolverem questões mais complexas, que não poderiam ser aqui convenientemente esclarecidas.

Pretendemos, ainda, tornar evidente que o efeito de (in)definitude não é, por um lado, um fenómeno exclusivamente dependente de uma - e de uma só - área da Linguística, mas sim de várias, cumulativamente; por outro, realçar a hierarquização dos elementos

intervenientes na produção do referido efeito.

1. O CASO PARTITIVO

1.1. O PARTITIVO "STRICTO SENSU" OU MORFOLÓGICO

O caso Partitivo em Finlandês é, em primeira instância, "transparente", já que corresponde precisamente ao que a sua designação significa, a saber, a expressão do parcial. Noutras línguas, ainda que por processos bem distintos, esta mesma expressão está também consignada, como é exemplo o caso do Francês. Observe-mos, a este propósito, as seguintes frases:

- (1) (On) Varjoja paratiissa
- (2) (Il y a) Des hommes au paradis
- (3) (Há) Sombras no paraíso

Damo-nos conta do facto de, ao ser usado o Partitivo, se atribuir ao elemento marcado por este caso um carácter parcial, ou seja, "algumas de todas as sombras do paraíso", tal como acontece em Francês com o artigo partitivo. A utilização em Finlandês do Nominativo, neste contexto, implica a expressão da totalidade. Assim, teremos:

- (1a) Varjot paratiissa (ovat isot)
- (2a) Les hommes au paradis (sont grandes)

(3a) As sombras no paraíso (são grandes)

Eis como BLAKE (1994) sintetiza os usos do Partitivo: "In Estonian and Finnish the partitive is used for the patient if it represents part of a whole or an indefinite quantity, or if the action is incomplete, or if the polarity of the clause is negative." (Para "patient", Blake apresenta o seguinte conjunto de relações semânticas: "(...) an entity viewed as existing in a state or undergoing a change, (...) located or moving, (...) as affected or effected by an entity.") Vejamos, em seguida, os vários aspectos acima apresentados.

1.2. PARTITIVO "LATO SENSU" OU SINTÁCTICO

1.2.1. O OBJECTO DIRECTO SINGULAR EM FRASE AFIRMATIVA

Se atendermos às consequências sintácticas do uso do Partitivo enquanto expressão do Objecto Directo (OD) - e apenas neste caso -, verificamos outros factos, cujas implicações se impõe analisar. Segundo BELLETTI (1988), "(...) if accusative Case is assigned, the object has a definite reading; if partitive Case is assigned, the object has an indefinite reading, equivalent to the one expressed by a lexical quantifier like "some" in English." Atentemos, pois, nas seguintes frases:

(4) Hän panee kirjaa pöydälle (PART)

(5) Hän panee kirjan pöydälle (ACUS)

(4a) Ele/a põe/está a pôr um livro sobre
a mesa

(5a) Ele/a porá o/um livro sobre a mesa

As traduções de ambas as frases finlandesas permitem, desde logo, uma primeira constatação: embora o tempo verbal morfológico utilizado em Finlandês seja o "Presente do Indicativo", o seu valor temporal modifica-se, consoante o OD seja parcial ou total. Em (4), o OD parcial (expresso, portanto, no Partitivo) determina uma apreensão "indefinida" da acção, ou seja, o valor aspectual inacabado. Em (5), é o contrário que se verifica: o OD total (expresso no Acusativo) determina uma apreensão "definida" da acção e, portanto, o valor aspectual acabado. Com efeito - e citando CHESTERMAN (1991) - "Finnish has no morphologically marked future tense. The simple present is usually used also when reference is to future time. Thus, for instance, a simple present resultative verb with a non-divisible object in the accusative will normally be interpreted as referring to the future. (...) Aspectual readings may also often be inferred from the case-ending of the object." (É precisamente esta oposição que, por razões metodológicas, nos levou a restringir o corpus exemplificativo à forma verbal morfológicamente no "Presente do Indicativo".)

Outra constatação desde já a salientar

diz respeito à hierarquização dos elementos intervenientes na produção do efeito de (in)definitude; sobrepondo-se à leitura parcial do OD em (4), a oposição temporal presente/futuro relega para um plano secundário (veremos adiante qual e como) a leitura parcial ou total do OD em (5).

1.2.2. O OBJECTO DIRECTO PLURAL EM
FRASE AFIRMATIVA

A oposição singular/plural em Finlandês tem implicações importantes, no que diz respeito ao uso do Partitivo como expressão do OD. Observemos, em primeiro lugar, os seguintes exemplos:

(6) Hän panee kirjoja pöydälle (PART)

(7) Hän panee kirjat pöydälle (ACUS)

(6a) Ele/a põe/está a pôr (os) livros
sobre a mesa

(7a) Ele/a porá (os) livros sobre a
mesa

Em ambas as frases finlandesas, a forma verbal é, novamente, o "Presente do Indicativo"; o OD encontra-se no plural e - aspecto a realçar - a oposição parcial/total "apaga-se" mais uma vez perante a maior importância da oposição aspectual inacabado/acabado e decorrente leitura temporal da acção. Podemos,

pois, concluir que, também no caso do OD plural, é um fenómeno semântico que "apaga" um outro eminentemente morfo-sintáctico.

1.2.3. A FRASE NEGATIVA E O OBJECTO
DIRECTO SINGULAR E PLURAL

Ao abordarmos a frase negativa, passamos a esclarecer o processo de construção deste tipo de frases em Finlandês. Esta língua possui um verbo de negação específico, com flexão em pessoa e em número e sem qualquer marca ou valor temporal, permitindo, assim, a construção negativa de qualquer tempo verbal. As suas formas são:

1sg.	<u>en</u>	}	PANE
2sg.	<u>et</u>		
3sg.	<u>ei</u>		
1pl.	<u>emme</u>		
2pl.	<u>ette</u>		
3pl.	<u>eivät</u>		

funciona, pois, como um auxiliar; o verbo "principal" apresenta-se, não no Infinitivo (PANNA), mas sim numa forma que deriva directamente do radical (PANE-), fechada por uma aspiração que a ortografia não revela. Tal fechamento da sílaba final, por sua vez, é causa de um fenómeno morfofonológico - abrandamento da consoante anterior (-NN- → -N-) - o qual, apesar de regular, se

revela profundamente complexo e é extensivo a todas as classes flexionadas.

Observemos, agora, as modificações que (4) e (5), por um lado, e (6) e (7), por outro, sofrem ao passarem a frases negativas:

(8) Hän ei pane kirjaa pöydälle

(9) Hän ei pane kirjoja pöydälle

(8a) Ele/a não põe/está a pôr/porá um li-
vro sobre a mesa

(9a) Ele/a não põe/está a pôr/porá (uns)
livros sobre a mesa

A construção negativa obriga a que o OD seja necessariamente expresso no Partitivo, o que elimina a distinção temporal Presente/Futuro, a qual é, neste caso, resolvida pelo contexto. Esta questão, assim como a oposição parcial/total, esclarecê-las-emos adiante.

2. MOBILIDADE DO CONSTITUINTE COM FUNÇÃO OD E EFEITO DE (IN)DEFINITUDE

Esta questão, já aflorada em Aspectos In-
trodutórios, vem completar a perspectiva que nos propu-
semos traçar como objectivo principal.

Sendo o Finlandês uma língua do tipo SVO, esta ordem dos constituintes de frase é considerada a "neutra", isto é, uma vez que SUJEITO e OBJECTO são mar-

cados por desinências casuais, "word order in Finnish is thus normally free to express theme-rheme relations and emphasis", tal como no-lo afirma CHESTERMAN (1991). Assim, um sistema casual extraordinariamente rico permite uma quase absoluta mobilidade dos constituintes de frase, pois que as respectivas desinências asseguram quase todos os processos de construção da significação.

Com efeito, a própria colocação/deslocação do constituinte com função OD tem implicações de outro tipo; a oposição parcial/total e as ambiguidades que a ordem "neutra" acarreta resolvem-se através da deslocação para a esquerda do constituinte com função OD, ou (citando CHESTERMAN (1991)) "(...) clause-initial NP's will tend to be definite because they tend to be given information; clause-final NP's may vary more freely between definite and indefinite referents." Posta a questão nestes termos, parece-nos não ser difícil admitir que o Finlandês seria, assim, uma língua não-configuracional de esquema sintáctico " W^* ", com uma única regra: $X' \longrightarrow W^* X W^*$. Por outro lado, o Finlandês parece-nos evidenciar claramente algumas das propriedades das línguas não-configuracionais apresentadas em RAPOSO (1992); contudo, modalizamos este nosso juízo, uma vez tratar-se aqui de um assunto do domínio da Sintaxe.

Atentemos, então, nas seguintes frases:

(10) Hän panee pöydälle kirjaa (PART)

(11) Hän kirjaa panee pöydälle (PART)

(12) Hän panee pöydälle kirjan (ACUS)

(13) Hän kirjan panee pöydälle (ACUS)

(10a) Ele/a põe/está a pôr um livro sobre a mesa

(11a) Ele/a põe/está a pôr o livro sobre a mesa

(12a) Ele/a porá um livro sobre a mesa

(13a) Ele/a porá o livro sobre a mesa

Da análise deste grupo de frases e respectivas traduções, chegamos à conclusão de que a oposição parcial/total é assegurada por diferentes ordens dos constituintes de frase; a colocação mais à esquerda (ou mais próxima do início da frase) é, no caso vertente, aquela que determina o efeito de definitude, independentemente do caso morfológico (Partitivo ou Acusativo), o qual desempenha (como havíamos já observado) um papel determinante na oposição Presente/Futuro decorrente da concepção aspectual respectivamente inacabado/acabado ou, noutros termos, imperfectivo/perfectivo.

3. CONCLUSÕES

Em primeiro lugar, parece-nos cabalmente demonstrada a existência de uma relação de implicação entre o caso Partitivo, o valor aspectual inacabado ou imperfectivo e o efeito de indefinitude. Porém, já o mesmo não se verifica no "sentido inverso", isto é, o efeito de indefinitude não resulta apenas de determina-

do aspecto verbal ou de certo caso morfológico com uma ou outra categoria sintáctica. CHESTERMAN (1991) afirma a este propósito que "definiteness is not a primitive, unitary concept, but is itself analysable into components (...), partly pragmatic and partly semantic." São precisamente estas componentes que se encontram hierarquizadas, como tivemos oportunidade de exemplificar, ainda que tão-só para um pequeno conjunto do vasto universo constituído por todas as componentes que intervêm na produção do efeito de (in)definitude.

É quanto à totalidade das referidas componentes e à complexidade daí resultante que CHESTERMAN (1991) se interroga, no sentido de ser sequer possível formalizar a categoria de definitude: "Definiteness may be expressed or inferred by a variety of heterogeneous means, or not at all. The problem is thus to determine what these means are (and how to find them), how they interact and what kind of status the category of definiteness can be said to have in Finnish."

Concluimos afirmando a imperfectividade deste breve estudo, mas transcrevendo o poema de Roy Hinks, de 1979, apresentado por Chesterman e intitulado "Articles".

Articles

'The' is the word
that hammers
importance onto
rigid fact. and
fixes to it
the burden of being
absolute. Nothing
is infinite or free
when made definite
by the article 'The'.

I prefer things
to have wings
and to be preceded
by an indefinite -
'A' in this life is more
appropriate -
it allows for
a saving of face
and fallibility. An
'A' puts man
in his place.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARONOFF, M. (1994) Morphology by Itself - Stems and Inflectional Classes, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts.
- BELLETTI, A. (1988) "The Case of Unaccusatives", Linguistic Inquiry, 19:1, 1-54.
- BLAKE, B. (1994) Case, Cambridge Textbooks in Linguistics, University Press, Cambridge.
- CHESTERMAN, A. (1991) On definiteness - A study with special reference to English and Finnish, Cambridge Studies in Linguistics, University Press, Cambridge.
- HAKULINEN, L. (1946) Suomen kielen rakenne ja kehitys, Helsinki, Otava.
- LENEY, T. (1993) Finnish - A Complete Course for Beginners, Teach Yourself Books, Hodder and Stoughton, London.
- MATEUS, M.H.M., A.M. BRITO, I. DUARTE e I.H. FARIA (1989) Gramática da Língua Portuguesa, 2ª edição revista e aumentada, Editorial Caminho, Lisboa.
- RAPOSO, E.P. (1992) Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem, Editorial Caminho, Lisboa.
- SEMRAU, R. (1994) Langenscheidts Praktisches Lehrbuch - Finnisch, 8. Auflage, Langenscheidt KG, Berlin und München.
- WHITNEY, A. (1982) Colloquial Hungarian, Routledge and Kegan Paul, London.
- WHITNEY, A. (1989) Finnish, Teach Yourself Books, Hodder and Stoughton, London.